



Caloiros sem bolsas pode apenas de “visita” e “sem

Protestos Não há Latada sem recados políticos e contestação, com a Direcção-Ge e o elevado abandono do ensino superior serviram de base a reivindicações por um

Andrea Trindade

De “penico” na mão, Sílvia Azevedo, de Viseu, e Mariana Ramos, de Cantanhede, pediam «uma moedinha». Mal saíram do Largo D. Dinis com o cortejo da Latada e já tinham, nas nossas contas, suficiente «para pagar o jantar à madrinha», mas parece que uma tradição recente manda as caloiros estenderem a “solidariedade” «à tia, à avó e a restante família de praxe». Quem contribuiu, e não se queixou, foi uma outra família, vinda de Mangualde. «É para os ajudar. Espero que deem também ao meu», disse Maria Almeida, que antes das alunas de Psicologia já havia “ajudado” outros dois caloiros pedintes.

Com um filho a estrear-se no ensino superior - caloiro de So-



FOTOS: CLÁUDIA LOBO

Estudantes esperam que o novo Orçamento de Estado traga mais investimento à acção social

Vozes

Que significado tem, para ti, a Latada?



Andreia Santos
18 anos / Seia
Psicologia

Significa diversão. É bom estarmos com as nossas madrinhas. Sentimo-nos integrados e sentimos que fazemos parte de algo maior. É estranho, mas estou a divertir-me imenso.



Vítor Simões
20 anos / Poiares
Informática Gestão ISCAC

A Latada para mim significa união. É uma forma de integração na vida académica e é um tempo em que se fazem amizades para toda a vida. Estou a gostar muito.



Jessica Gomes
19 anos / Penacova
Informática Gestão ISCAC

Acho que a Latada faz parte da nossa integração na vida de estudante. A praxe também. Estou a divertir-me muito e está a ser uma das melhores semanas da minha vida.



Vítor Pais
18 anos / Sta Maria da Feira
Gestão FEUC

Para mim significa diversão, convívio, animação, estar com outros estudantes de anos mais à frente, com os caloiros, é uma integração. Está a ser fixe. Estou a gostar.





m estar estudo"

ral da AAC a dar o mote. A falta de bolsas maior investimento em acção social escolar

licitadora e Administração do ISCAC -, Maria Almeida espanta-se com «as propinas que são tão altas» e faz contas ao que terá de gastar mensalmente com o filho. «À volta de 500 ou 600 euros, incluindo as viagens. É um bocadinho complicado, mas tem de ser», disse ao Diário de Coimbra.

As famílias apostam quase tudo na formação dos filhos e vêem o curso superior como «um investimento», apesar das ameaças do desemprego, da precariedade e dos baixos salários baixos, lembradas em frases irónicas ostentadas por caloiros e finalistas na Latada.

Antes disso, porém, há que acabar o curso e a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (AAC) está preocupada com o elevado abandono. O líder dos estudan-

tes, José Dias, lembra as dificuldades económicas por que passam as famílias e pede mais acção social escolar. Os membros da DG abriram o cortejo com a «trouxa» dos livros às costas, como quem fez uma «Visita sem Estudo» à Universidade e, por falta de meios económicos, teve de regressar a casa.

O presidente da DG-AAC lembrou a promessa feita pelo ministro do Ensino Superior a 2 de Setembro, no Fórum realizado em Penacova: «disse que o orçamento da acção social escolar teria um reforço de 4%». No entender do estudante de Economia, não só «é preciso um esforço maior» ao nível dos apoios sociais, como uma «atenção da comunidade docente e de funcionários» para sinais de risco de abandono. «Faltas a aulas e a exames podem» ser indicadores

a ter em conta.

«Temos de ter uma atitude preventiva, há muitas dificuldades encapotadas por vergonha dos estudantes», referiu José Dias, lembrando que a AAC já criou alguns mecanismos no sentido de identificar situações de carência e ajudar a procurar soluções: o projecto Lado a Lado, os protocolos com o Instituto Justiça e Paz ou o Centro João Paulo II.

O desfile dos caloiros começou com mais de uma hora de atraso e a chegada à «Rotunda do Papa» fez-se depois de muitos «para-arranca». «É como se sentem os estudantes», respondeu, pronta, a coordenadora da Acção Social da AAC, Diana Pereira, que ainda teve tempo de justificar a ausência de estudantes do sexo feminino na encenação de protesto que abriu a Latada: «eles são uns cavalheiros, a trouxa é pesada».

Os números que Diana diz ter ido buscar ao site da DGES no dia 13 dizem que «de 87 mil requerimentos de bolsa apresentados, só 13 mil tinham sido respondidos». Destes, «659 tiveram o não como resposta e a grande maioria dos outros viu atribuída bolsa mínima (valor anual da propina)».

Entre os caloiros que ontem desfilaram entre o Largo D. Dinis e a Portagem, havia «super guerrilheiras anti-propinas» e «super heróis contra o super abandono», ainda que um grupo com gorros e t-shirts de riscas brancas e vermelhas garantisse que «é mais fácil encontrar o Wally do que bolsas de estudo». A verdade é que «sem € não há canudo», como lembram os caloiros de Direito.

Contestação à parte, a Festa das Latas foi isso mesmo: uma festa. Sem chuva, mas bem regada a álcool, com músicas de refrão pouco recomendável, «gritos de guerra», danças, alguns «hakas». Muita animação de quem agora chega à cidade dos estudantes e dos que cá estão e, numa versão muito própria, a apresentam.

Ao longo do cortejo foi possível observar a circulação de algumas ambulâncias com estudantes com intoxicação etílica ou pequenos traumatismos. Cerca das 21h00, o comando de operações da Latada, instalado no quartel dos Bombeiros Sapadores, registava 45 situações, quase todas resolvidas no posto avançado da Cruz Vermelha, no recinto da Praça da Canção. «



Aloísio Neto
18 anos / Brasil
Gestão FEUC

A Latada traz muito do espírito académico de cada curso e o nosso é o melhor. Lá no Brasil não tem nada disso [cortejo], por isso estou muito impressionado e gostando muito.



José Dias, presidente da Direcção-Geral da AAC, liderou o protesto de abertura da Latada



E quando falta alguém, a Cruz Vermelha está lá

Chuva não assustou fãs de José Cid e Tigerman

Concertos Autor de “A Minha Música” puxou pelo público na Praça da Canção, de sábado para domingo, em mais uma noite da Festa das Latas

Sara Toscano

Os artistas que sábado, numa noite a tender para a chuva, subiram ao palco da Festa das Latas eram dos mais esperados, quer pelos estudantes da Universidade de Coimbra (UC) quer por quem veio de fora propostadamente para estes concertos.

Como de costume foi uma tuna quem estreou o palco, sendo que nessa noite coube a vez às Fans.

Em termos dos artistas do cartaz, embora fosse suposto a noite começar com José Cid, seguido de The Legendary Tigerman e Fábio Mesquita, não foi isso que aconteceu, registando-se mesmo um certo atraso nos espetáculos. Facto que se deveu à insistência de Paulo Furtado (The Legendary Tigerman) em actuar em primeiro lugar, o que no entanto não viria a acontecer. Assim, a única alteração que se registou em termos de agenda foi actuar primeiramente Fábio Mesquita, que cantou temas como “I see Fire” do Ed Sheeran ou “Ain’t no Sunshine”, de Bill Withers. As opiniões sobre o artista foram unânimes: «Não conhecíamos o artista, mas fez um bom concerto. Viemos para ver Tigerman mas parece que ainda vamos ter de esperar», disse o casal Rita e Vítor. «Não sou de Coimbra e vim para ver José Cid. Não conhecia



CLÁUDIA LOBO

José Cid cantou para os estudantes na Praça da Canção

o Fábio Mesquita, mas acho que ele esteve muito bem», afirmou por sua Ana Martins.

José Cid foi o único artista da noite a comparecer no encontro com a imprensa. Falou sobre o seu percurso profissional, sobre a época em que estudou Direito em Coimbra, da versatilidade da sua voz e do fado de Coimbra (de que diz gostar muito mesmo, sendo das poucas coisas que não tem voz para cantar). O artista subiu ao palco pelas 1h15, cantando temas como “A Minha Música”, “Vem viver a Vida, Amor”/“Vinte Anos”, “Cai neve em Nova York”, “A cabana junto à praia” e “Como o macaco gosto de banana eu gosto de ti”, sendo que nesta última alterou o verso final do refrão “Como o macaco gosta de banana nós

gostamos de Coimbra” e ainda a “Amanhã de Manhã”, das Doce. Estreou o tema “Se o Chico Buarque cantasse o fado”, de António Távares Teles e teve como convidado o sobrinho Gonçalo Távares, que reside em Coimbra.

O público que assistiu ao espectáculo foi unânime. Cláudio Caloba, estudante do ISCAC, considera que «ele consegue puxar bem pelo público e o concerto foi dentro das expectativas». Para Rodrigo Ferreira, estudante da ESEnC, «foi acima das expectativas», Miguel Basílio considerou que «foi muito bom e ele interagiu muito bem com o público». Amália Silva (ESEnC) dá outra perspectiva: «Ele puxou muito pelo público. Aliás, houve muita gente a dis-

pensar mas depois voltaram». Também Cristina Lopes achou que «pelo facto de não se ter cingido ao repertório actual as pessoas aderiram mais».

The Legendary Tigerman subiu ao palco às 3h14, para contentamento dos fãs que o esperavam desde perto da meia-noite. O artista conimbricense interpretou temas como “Walkin’ Downtown” e no final as opiniões convergiam no mesmo sentido. André Carvalho disse que gostou, André Dias, estudante do IPC, referiu que «foi dentro das expectativas e gostei», e Diana Fernandes, estudante do ISCAC expressou: «Eu adorei! Gostei de tudo, desde José Cid ao Tigerman. A Latada é do melhor e pudeste dormir aqui».



Cruz Vermelha sempre presente nas festas académicas

Rodrigo Farias

APOIO José António Marques foi um médico militar que em 1865 lançou uma operação com o objetivo de ajudar quem mais necessitava. Outrora participativa das guerras em que Portugal esteve envolvido, hoje a batalha é outra. Instalada por cinco dias na Praça da Canção, a Cruz Vermelha luta arduamente para que nenhum estudante fique sem os cuidados necessários. Afinal, “latada” não é “latada” sem os jovens cometerem abusos.

O Diário de Coimbra (DC) foi conversar com o coordenador das “noites de parque” da Cruz Vermelha. Carlos Diogo, 35 anos, é voluntário da instituição há dois anos e operador do INEM há 16.

Questionado pelo DC sobre o “feedback” de como têm sido as noites, Carlos respondeu de forma directa: «Temos tido alguma abundância. A afluência tem sido gradual com o aproximar do fim-de-semana. Na primeira noite terminamos

com um total de 17 estudantes e na sexta-feira já tivemos de prestar mais de 30 cuidados médicos», indicou.

A falta de responsabilidade dos jovens é visível, uma vez que começam a comparecer na Cruz Vermelha pouco depois das portas do recinto abrirem... e os motivos são os mesmos de sempre: “A grande maioria dos jovens que passam aqui por nós durante queimas e latadas vêm por intoxicação etílica, às vezes misturada com outras substâncias. Felizmente, as deslocações ao hospital têm sido escassas», contou Carlos Diogo.

Com o passar dos dias, cada vez são mais os estudantes a comparecer na Cruz Vermelha. Apesar dos números serem poucos, mais poucos ainda são os casos críticos. Normalmente acompanhadas pelos amigos, as vítimas nunca ficam a perder ao deslocar-se à “barraca militar” do lado direito da Praça da Canção, onde o trabalho da Cruz Vermelha é cem por cento voluntário. «



Estudantes desfilaram críticas

A falta de bolsas e o abandono do ensino superior foram objecto de reparos no cortejo da Latada **Páginas 4 e 5**